

## Medicina Caseira em sete localidades da região de Bauru, SP

\*Faculdade de Medicina de Botucatu – UNESP.

\*\*Curso de Aprimoramento (FUNDAP) no Departamento de Medicina em Saúde Pública, Faculdade de Botucatu, UNESP.

*Annichino, G.P.\**  
*Imamura, C.R. de A.\**  
*Mauad, M.A.\**  
*Medeiros, L.A.\**  
*Morita, I.\*\**  
*Towata, E.A.\**

*Este trabalho foi realizado nas localidades de Duartina, Piratininga, Presidente Alves, Bocaina, Boracéia, Dois Córregos e Potunduva (Região de Bauru), em 1981.*

*O objetivo foi avaliar o conhecimento e o uso de plantas medicinais, pela população.*

*Foram entrevistadas 372 pessoas, das quais, a maioria pertencia ao estrato social baixo.*

*Mais de 95% das pessoas conheciam plantas medicinais, com grande utilização de duas a quatro variedades. O não-uso representou, no total, apenas 10,8%. O local de obtenção mais freqüente foi quintal, seguindo-se a farmácia. Citaram-se 118 plantas diferentes para uso medicinal. Destas, em apenas 9,3% não se encontrou, na literatura, o nome científico correspondente e, em 17,0%, a indicação do valor medicinal. O uso mencionado pelos entrevistados foi coincidente com os da literatura em quase 70% das vezes, em pelo menos um sintoma ou doença.*

*Discutiram-se as razões do recente incremento da medicina caseira; alguns aspectos referentes à industrialização e comercialização de plantas medicinais e sublinhou-se a necessidade de promoção de pesquisas farmacológicas para o melhor conhecimento do valor terapêutico da flora medicinal brasileira.*

---

### INTRODUÇÃO

A denominada “medicina popular” é constituída por práticas paralelas à “medicina oficial” dominante. Quem faz esta distinção é o sistema oficial de saúde, constatando sua existência e crescimento, a despeito de todo o avanço científico e tecnológico atual que tem o respaldo do saber científico e do sistema de produção<sup>7</sup>.

Entre as recomendações da Conferência de Alma-Ata

Recebido para publicação em  
12/03/86.

Cadernos de Saúde Pública, R.J., 2(2):150-166, abr/jun, 1986

sobre cuidados primários de saúde, há uma que diz respeito às práticas da medicina tradicional, que não podem ser desconhecidas; pelo contrário, devem ser incorporadas em determinados contextos sociais<sup>6</sup>.

Embora hoje já não se condene ou se reprima ostensivamente as práticas médicas populares, não se colocou ainda um ponto de partida para uma política que incorpore ao sistema oficial os conhecimentos da medicina popular, sem comercializá-los.

Entre os conhecimentos e práticas populares a serem assimilados pela medicina oficial, há aqueles relativos ao uso de plantas medicinais (medicina caseira). Ao longo da história da Medicina, em numerosas oportunidades, registrou-se a incorporação do emprego de vegetais para a cura de doenças, como por exemplo o caso da quinina, cujo uso veio dos índios peruanos, tendo entrado no receituário médico europeu, em 1632 com o nome de "casca do jesuíta", para tratamento da malária, depois denominada, por Linnaeus, de cinchona<sup>5</sup>.

Em relação à medicina caseira, se de um lado sabe-se que o uso de plantas sob a forma de chás, xaropes, óleos, infusões, unguentos, etc, é difundido em nosso meio (embora pouco se pesquise a respeito, nas várias regiões do país), de outro lado, é limitado o conhecimento acerca dos princípios ativos contidos em plantas medicinais. A farmacologia, neste campo, pouco tem investigado, talvez por falta de estímulo, de financiamento e de condições, além de provável bloqueio por parte da indústria farmacêutica, na qual a de capital estrangeiro detém 80% do mercado<sup>9</sup>.

De acordo com Carlini<sup>9</sup>, a evolução da indústria química e farmacêutica fez com que a Medicina passasse a preferir substâncias puras sintéticas. Com isto, parte da cultura popular foi depreciada, houve descrédito sobre a terapêutica caseira com plantas e desestimulou-se a pesquisa necessária nessa linha. Além disso, a investigação científica com plantas exige, em primeiro lugar, a busca de informes sobre seu uso popular, para depois sucederem-se etapas de pesquisas químicas e farmacológicas, num processo muito demorado e consumindo elevadas somas de recursos financeiros.

A literatura médica brasileira, como já foi dito, é relativamente pobre em trabalhos publicados sobre usos, indicações e efeitos de plantas, registrando-se alguns livros ou coletâneas que os relacionam, com a toponímia científica e popular das plantas<sup>2,3,8,11,14,15,22,23,24</sup>. Ravagnani<sup>22</sup> realizou amplo estudo de vegetais de uso fitoterápico, em 95 locais do Estado de São Paulo, entre os quais, entretanto, não consta qualquer das localidades ou das microrregiões, objeto do presente trabalho.

No tocante ao uso de plantas medicinais e às pesquisas

farmacológicas nessa linha, recentemente registraram-se as seguintes posições oficiais: 1) a Organização Mundial da Saúde defende a necessidade de se tornar a essa utilização, mormente por parte da população que não tem acesso a drogas sintéticas<sup>1</sup>; 2) a CEME<sup>4</sup>, a FINEP<sup>20</sup> e o CNPq<sup>18</sup> estão apoiando pesquisas sobre a flora medicinal. Em Reunião Nacional de pesquisadores brasileiros, patrocinada pela OPAS, CNPq e Ministério da Saúde, em 1981, a investigação de substâncias presentes na flora medicinal brasileira foi considerada uma das prioridades<sup>13</sup>.

Considerando a atualidade do tema, inclusive suas implicações sociais, políticas e econômicas, o aparente retorno às raízes da terapêutica popular, a relativa escassez de trabalhos neste campo e, ainda a oportunidade que se apresentou de convívio de acadêmicos de medicina com a população de sete localidades da região de Bauru, em julho de 1981, julgou-se justificável a realização de pesquisa preliminar sobre o uso de medicina caseira nessas localidades que, inclusive, não foram abrangidas pela ampla pesquisa de Ravagnani<sup>22</sup>.

## OBJETIVOS

A presente pesquisa tem os seguintes objetivos:

- colher informações sobre conhecimento e utilização de plantas medicinais, sobre os locais de sua obtenção e as indicações (finalidades) apontadas para o seu uso;
- relacionar informações obtidas com variáveis sócio-econômicas (estratos sociais).

## METODOLOGIA

### Área de referência e época

A pesquisa desenvolveu-se de 08 a 30 de julho de 1981, nos municípios de Dois Córregos, Bocaina, Piratininga, Duartina, Presidente Alves, Boracéia e Potunduva (distrito de Jaú), pertencentes à região de Bauru (7ª Região Administrativa). Duartina, Piratininga e Presidente Alves pertencem à microrregião de Bauru, Bocaina, Boracéia e Dois Córregos, além do distrito de Potunduva, se incluem na microrregião de Jaú<sup>12</sup>.

A microrregião de Bauru constitui-se em elo entre as regiões agropecuárias de Mato Grosso e do oeste de São Paulo e os centros do litoral. Apresenta elevada densidade populacional e de transportes, além de expressivas atividades urbanas. O café sobressai ao sul, mas a economia já é agropastoril. A zona urbana de Bauru tem o setor terciário bastante desenvolvido.

A microrregião de Jaú, limitada a leste por terras elevadas e a oeste pela garganta do Tietê, tem caráter agropastoril acusando expansão de cana e do amendoim, além de manter a lavoura do café. Jaú é centro de atividades industriais, nos setores têxtil, de vestuário e alimentar<sup>12</sup>.

No quadro abaixo, encontram-se as populações residentes, por localidade.

*Populações residentes em sete localidades da região de Bauru*

Microrregião	Localidade	População residente		
		urbana	rural	total
Bauru	Duartina	7436	4744	12180
	Piratininga	5833	4223	10056
	Presidente Alves	1821	3042	4863
Jaú	Bocaina	4347	2440	6787
	Boracéia	1580	1973	3553
	Dois Córregos	12496	2983	15479
	Potunduva (distrito)	2571	3770	6341

Fonte: Fundação IBGE — Sinopse Preliminar do Censo Demográfico. Brasil; 9<sup>o</sup> Recenseamento Geral do Brasil, 1980. Rio de Janeiro, 1981. Vol. 1 Tomo 1, n<sup>o</sup> 18<sup>12</sup>.

### Casística e métodos

Foram entrevistadas 372 pessoas, com a seguinte distribuição: Duartina: 63; Piratininga: 24; Presidente Alves: 61; Bocaina: 53; Boracéia: 33; Dois Córregos: 70; Potunduva (distrito): 68.

As entrevistas foram realizadas por 15 alunos do 3<sup>o</sup> ano da Faculdade de Medicina de Botucatu (UNESP) e 10 alunos de cursos superiores de Bauru, em diferentes locais: domicílios, salas de espera de serviços de saúde, casas de comércio e jardins públicos, de forma circunstancial e sem critério amostral. Em alguns casos, obteve-se indicação para procura de pessoas mais informadas sobre plantas caseiras. Os entrevistadores receberam um roteiro para orientação de abordagem e uma relação de critérios e normas para preenchimento dos formulários.

Para anotação das informações, foi utilizado um formulário com questões abertas e fechadas sobre: município, ocupação principal, grau de instrução e renda mensal do chefe de família; conhecimento e uso (finalidades) de plantas e ervas e fontes de obtenção de plantas. Os dados do formulário, exceto os referentes aos *tipos e usos de plantas*,

foram depois transcritos em ficha codificada para processamento em computador.

Os critérios para a classificação das ocupações e dos estratos sociais foram os mesmos empregados por Marcondes et alii<sup>16</sup>. Como "omissos" foram classificadas pessoas das quais não se obtiveram dados suficientes para estratificação. O salário mínimo vigente na época era de Cr\$ 8.560,00 (oito mil, quinhentos e sessenta cruzeiros).

Os dados foram processados por computador do Centro de Computação e Informática (CCI) da Unesp, em Botucatu, através do programa SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*).

## RESULTADOS

A distribuição das pessoas entrevistadas por estrato social apresentou grande concentração no estrato social baixo, com 69,8%, e, a seguir, o médio baixo (10,5%), médio alto (5,6%) e o alto (4,3%), num total de 372 pessoas. Como omissos foram classificados 9,7% das pessoas.

TABELA 1

*Número de plantas medicinais utilizadas segundo o estrato social, em sete localidades da região de Bauru, SP., 1981*

Estrato Social	Alto		Médio Alto		Médio Baixo		Baixo		Omisso		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Nº de Plantass Utilizadas												
1	—	—	2	9,5	6	15,4	22	8,5	3	8,3	33	8,9
2 - 4	8	50,0	11	52,4	20	51,3	127	48,8	20	56,6	186	50,0
5 - 9	3	18,8	5	23,8	8	20,5	69	26,5	8	22,2	93	25,0
Mais de 10	—	—	1	4,8	—	—	8	3,1	1	2,8	10	2,7
Não usa	4	25,0	2	9,5	4	10,3	27	10,4	3	8,3	40	10,8
Não sabe	1	6,3	—	—	1	2,6	7	2,7	1	,28	10	2,7
Total	16	100	21	100	39	100	260	100	36	100	372	100,0

Quanto ao conhecimento de plantas medicinais, 95,4% das pessoas responderam afirmativamente. Observou-se na tabela 1 que a grande maioria as utiliza, predominando em cada um dos estratos sociais o uso de duas a quatro plantas. A utilização de cinco a nove plantas foi também bastante referida, sendo a citação de mais de dez muito pouco significativa. O não-uso foi mais referido pelo estrato social alto. No total de 372 respostas, apenas 10,8% não utilizam plantas.

Na tabela 2, observou-se que o quintal é o lugar mais mencionado como fonte de obtenção de plantas medicinais por cada um dos estratos sociais, predominando o estrato baixo. Em seguida, a farmácia, principalmente para o estrato médio baixo. A taxa de pessoas que citaram uma única fonte de obtenção foi de 56,5%, enquanto que as que referiram mais de uma constituíram apenas 16,6%.

TABELA 2

*Local de obtenção de Plantas Medicinais segundo o estrato social, em sete localidades da Região de Bauru, SP, 1981\**

Estrato Social	Alto		Médio Alto		Médio Baixo		Baixo		Omisso		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Nº de Plantas Utilizadas												
Quintal	8	53,3	14	56,0	25	56,9	203	73,0	29	82,7	279	70,3
Farmácia	2	13,3	5	20,0	13	29,5	25	9,0	1	2,9	46	11,5
Mato	3	20,0	2	8,0	2	4,5	16	5,8	2	5,7	25	6,3
Feira e Quitanda	—	—	—	—	2	4,5	6	2,1	1	2,9	9	2,3
Outro	1	6,7	4	16,0	2	4,5	22	8,0	1	2,9	30	7,5
Não sabe	1	6,7	—	—	—	—	6	2,1	1	2,9	8	2,1
Total	15	100	25	100	44	100	278	100	35	100	397	100

\*Respostas múltiplas.

Com referência às plantas medicinais e seu uso referidos pelos entrevistados, o quadro 1 relaciona o nome citado (popular), o nome científico, o uso descrito na literatura e o mencionado nas entrevistas.

Para o total de 118 plantas diferentes citadas, não se encontrou o nome científico correspondente de apenas onze (9,3%), e em vinte (17,0%) a indicação do valor medicinal. Nestas últimas vinte plantas estão incluídas as onze sem nomenclatura, enquanto que em nove havia o nome científico correspondente.

As plantas citadas com maior frequência foram: abacate, alecrim, alho arruda, boldo, camomila, canela, carqueja, chapéu de couro, erva-cidreira, erva-de-bicho, erva-doce, erva de Santa Maria, hortelã, laranja, limão, losna, mamão, marcelinha, poejo e quebra-pedra.

Nessa relação, verificou-se que o uso mencionado foi coincidente com o da literatura, em pelo menos um sintoma ou doença, em 69,4% das vezes. Exemplificaram essa concordância a erva quebra-pedra, o pacová, o poejo, o guaimbé, a alcachofra, a unha de vaca e o guaco, entre vários vegetais.

Vinte e cinco plantas (25,5%), todavia, não apresentaram uso coincidente, como por exemplo, a avenca, o mandacaru, o barbatimão e a quina. No caso da hortelã, a indicação para “dor de barriga” foi concordante, ao mesmo tempo em que seu uso como “calmante”, nesta pesquisa, contrapôs-se ao de “excitante do SNC”, segundo a literatura consultada. Em cinco oportunidades (5,1%), a indicação referida pode ser considerada concordante de forma aproximada com a da literatura, como por exemplo, o “fedegoso”, usado para maleita nas entrevistas e como antifebril no receituário pesquisado, e a cana brava, respectivamente como anti-hipertensivo e diurético.

Verificou-se, também, que uma mesma planta teve indicações diversas, como foi o caso da erva-doce e a canela, e que determinados sintomas ou doenças costumam ser tratados por plantas de gênero e espécie diferentes, sendo um dos exemplos, a tosse, para a qual se indicaram o agrião, o guaco e o eucalipto, e outro, “as pedras no rim”, para as quais se usam folhas de abacate, o chá de “quebra-pedra” ou a raiz da “grama da praia”.

## QUADRO I

*Medicina caseira e medicina alopática, em sete localidades da Região de Bauru, S.P., 1981. Plantas medicinais e seu uso, segundo a literatura e as informações das pessoas entrevistadas\**

Nome da Planta mencionada	Nome Científico (2, 3, 12, 13, 23)	Usos mencionados na Literatura (2, 3, 12, 13, 23)	Usos mencionados pelos entrevistados.
1 ABACATE (folha)	<i>Persea gratissima</i>	vermífugo; diurético; afrodisíaco	rins; bexigas, estômago.
2 ABÓRA (Cabo)	<i>Curcubita pepo L.</i>	males do fígado; vermífugo	pedras nos rins
3 AGRIÃO	<i>Nasturtium officinale</i>	estimulante	bronquite; fortificante; úlcera gástrica
4 ALCACHOFRA	<i>Cynara scolymus</i>	males do fígado; preventivo de arterosclerose	fígado
5 ALECRIM	<i>Rosmarinus officinalis L.</i>	antiespasmódico; estomáquico; menagôgo	calmante; estômago; gripe; febre
6 ALFACE	<i>Lactuca sativa L.</i>	tosse; dores reumáticas; insônia; calmante	calmante; gripe
7 ALFAVACA ALFAVACÃO	<i>Ocimum gratissimum L.</i>	antiemético; diurético; febre; tosse	dores; gripe; tosse
8 ALHO	<i>Allium sativum L.</i>	cólicas estomacais e intestinais; estimulante da produção de leite; flatulência	calmante; dores de barriga; estômago; gripe; intestino

Nome da Planta mencionada	Nome Científico (2, 3, 12, 13, 13)	Usos mencionados na Literatura (2, 3, 12, 13, 13)	Usos mencionados pelos entrevistados
9 ALPISTE	<i>Phalaris canaviensis</i> L.	não mencionado	pressão
10 AMOREIRA (folha)	<i>Morus nigra</i> L. <i>Morus alba</i> L.	antifebril; diarreias; expectorante	dor-de-barriga
11 ARNICA	<i>Arnica montana</i> L.	contusões	machucado
12 ARTEMÍSIA	<i>Artemisia vulgaris</i>	anemia; cólicas; diarreia; menstruação deficiente; reumatismo	menstruação atrasada
13 ARRUDA	<i>Ruta graveolens</i> L.	amenorréia; vermífugo	cólica menstrual; estômago; regular menstruação; para benzedura
14 AVENCA	<i>Adiantum cuneatum</i>	catarro pulmonar; rouquidão; tosse; laringite	rins
15 BABOSA	<i>Aloes humilis</i> <i>Aloes perfoliata</i> <i>Aloes vulgaris</i> <i>Aloes bardadeusis</i>	queimaduras; erisipela; queda de cabelo	evitar calvice
16 BÁLSAMO	<i>Myroxylon toluifera</i> H.B.K. <i>Myroxylon perniferum</i> <i>Balsamum indium nigrum</i>	cicatrizante; diabetes; afecções do aparelho urinário	machucado; dor-de-ouvido
17 BANANA	<i>Musa</i> sp.	diurético; antiblenorrágico	bronquite
18 BANANINHA DO DIABO	não mencionado	não mencionado	fogo bravo
19 BARBATIMÃO	<i>Stryphnodendron barbatimum</i> <i>M. mimosoideae</i>	diarreia; hemorragias	machucado
20 BATATA DE PURGA (JALAPA)	<i>Convolvulus operculatus</i>	purgativo; irregularidades menstruais; hemorragia nasal; enterites.	bronquite; intoxicação alimentar; verminose.
21 BOLDO	<i>Peumus boldus</i>	diurético; males do fígado	estômago; cólica; fígado
22 BUCHA DO NORTE	<i>Luffa operculata</i> <i>Momordica operculata</i>	purgativo; expectorante	dor-de-cabeça
23 BULTE (Raiz)	não mencionado	não mencionado	dor-de-cabeça
24 CABELO DE MILHO	<i>Zea mays</i> L.	não mencionado	rim; bexiga
25 CAFÉ	<i>Coffea arabica</i> L.	diurético; diabetes; estimulante SNC	dor-de-barriga; veneno

## ARTIGO

	Nome da Planta mencionada	Nome Científico (2, 3, 12, 13, 13)	Usos mencionados na Literatura (2, 3, 12, 13, 13)	Usos mencionados pelos entrevistados
26	CAFEZINHO DE BUGRE	<i>Cordia salicifolia</i>	expectorante; preventivo de arterosclerose	pedras no rim
27	CAMBARÁ	<i>Lantana spinosa</i>	asma; tosse catarral; coqueluche	bronquite
28	CAMOMILA (MARCELA)	<i>Achyrocline satureoides</i>	calmante; tônico digestivo	clarear cabelo; cólica; dor de barriga; estômago
29	CANA BRAVA	<i>Anthoxanthium gigans</i>	diurético	pressão
30	CANELA	<i>Cinnamomum zeylanicum</i> L.	antisséptico; calmante; estimulante; estomáquico; estimulante da função digestiva	resfriado; fortificante; cólicas; tosse; dieta
31	CANELA DE VEADO	não mencionado	não mencionado	gripe
32	CÂNFORA	<i>Cinnamomum camphora</i>	não mencionado	gripe
33	CAPIM AMARGOSO	<i>Sporobolus asperifolius</i>	tosse; catarro pulmonar	machucado
34	CARAGUATÁ	<i>Bromélia antiacantha</i>	não mencionado	bronquite
35	CARAMBOLA (folha)	<i>Avenhoa carambola</i> L.	não mencionado	diabetes
36	CAROBINHA	<i>Jacarandá pteroides</i>	afecções cutâneas; reumatismo; úlceras; sífilis	doença de pele; sífilis; reumatismo; úlceras
37	CARQUEJA	<i>Baccharis sp</i>	anemias; diabetes; diarreia; cálculos biliares; enfermidades baço; bexiga; fígado; rins	coração; diabetes; estômago; fígado; reumatismo
38	CARRAPICHO CARRAPICHINHO	<i>Triufetta rhomboidea</i>	adstringente; blenorragia; lavagem de uretra.	hemorróidas; útero; rins
39	CEBOLA	<i>Allium cepa</i>	expectorante; preventivo de aterosclerose	rins
40	CENOURA	<i>Daucus carotta</i> L.	não mencionado	anemia
41	CHAPÉU DE COURO	<i>Echinodorus macrophyllus</i>	rins; bexiga; reumatismo	reumatismo; rins; depurativo
42	CHICOPINA	não mencionado	não mencionado	reumatismo; cólica menstrual

Nome da Planta mencionada	Nome Científico (2, 3, 12, 13, 13)	Usos mencionados na Literatura (2, 3, 12, 13, 13)	Usos mencionados pelos entrevistados
43 CHUCHU	<i>Sechium edule</i>	anti-hipertensivo; diurético	anti-hipertensivo; diabetes; coração
44 CIPÓ CRUZ	<i>Chiococca brachiata</i>	anti-reumático; diurético	estômago; diarreia
45 CIPÓ SUMA	<i>Anchietera salutaris</i>	sífilis; sarna; dermatoses	sífilis
46 CÔCO	<i>Cocos nucifera L.</i>	diurético	lombriga
47 CÔCO DE DENDÊ	<i>Elaeis guineensis</i>	anginas; cefaléias; cólicas abdominais	dores
48 COMINHO	<i>Cominum cyminum</i>	dispepsias; diurético; emenagogo; estomáquico; flatulências	cólicas
49 CRAMOSA (flor)	não mencionado	não mencionado	gripe
50 CRAVO	<i>Dianthus caryophyllus</i>	contra vertigens; cefaléia; sudorífico	resfriado
51 ERVA CIDREIRA (melissa)	<i>Melissa officinalis L.</i>	antiespasmódico; estomáquico; emenagogo	calmante; estômago; febre; gripe
52 ERVA DE BICHO (pimenta d'água, Persicária)	<i>Polygonum acre</i>	hemorróidas; provocar menstruação; verminoses.	hemorróidas; pneumonia; resfriado; reumatismo
53 ERVA DOCE (anis)	<i>Pimpinella anisum L.</i>	cólicas estomacais e intestinais; flatulência; estimulante produção/leite.	cólicas estomacais e intestinais; gripe; calmante.
54 ERVA MOURA	<i>Solanum nigrum</i> <i>Solanum hortensis</i> <i>Solanum crenato dentatum</i>	feridas e úlceras; dores reumáticas; queimaduras	pele
55 ERVA SANTA MARIA	<i>Chenopodium ambrosioides L.</i>	combater pulgas; carrapatos e piolhos; verminose	estômago; machucado; verminoses
56 ERVA SÃO JOÃO (mentrasto mentrasta)	<i>Ageratum conyzoides L.</i>	cólicas intestinais; diarreia	cólicas intestinas; aborto
57 ERVA TOSTÃO	<i>Boerhaavia hirsuta</i>	diurético; males fígado	bexiga; estômago; rins
58 EUCALIPTO	<i>Eucalyptus sp.</i>	espectorante; febre	febre; inalação; sinusite; obstrução nasal

## ARTIGO

	Nome da Planta mencionada	Nome Científico (2, 3, 12, 13, 13)	Usos mencionados na Literatura (2, 3, 12, 13, 13)	Usos mencionados pelos entrevistados
59	FEDEGOSO	<i>Cassia occidentalis</i> <i>Cassia medica</i>	antifebril; anti-sifilítica	maleita
60	FEIJÃO CHICOTE OU CORDA (folha)	<i>Vigna sinensis</i>	não mencionado	inchaço
61	FUMO	<i>Nicotiana tabacum L.</i>	não mencionado	tétano
62	GOIABA	<i>Psidium guayava L.</i>	diarréias; úlceras estomacais; inflamação garganta	diarréias; dores de barriga
63	GRAMA DA PRAIA (Raiz)	<i>Stenotaphrum glabrum</i>	diaforética diaforética	pedras do rim pedras no rim
64	GUAÇATUGA	<i>Casearia sylvestris</i> <i>Samyda sylvestris</i>	depurativo; hidropsia; moléstias pele; sífilis	machucado
65	GUACO	<i>Mikania guaco</i> <i>Mikania amara</i>	febre; bronquite; tosse gota; paludismo; reumatismo; sífilis, diurético	tosse
66	GUAIMBÉ (Raiz)	<i>Caladium pendulinum</i> <i>Caladium lacerum</i>	afecções reumáticas	reumatismo
67	GUINÉ DO MATO	<i>Petiveria alliacea</i>	não mencionado	Hepatite; mordida de cobra; reumatismo
68	HORTELÃ (levante)	<i>Mentha gentilis L.</i>	cólicas intestinais; excitante SNC; expectorante	calmante; dor de barriga; resfriado; verminose
69	IPÊ-ROXO (casca)	<i>Tabebuia impetiginosa</i> <i>Tabebuia avellanedae</i>	analgésico; afecções da pele; artrites	reumatismo
70	ISOPÓ	não mencionado	não mencionado	dor de cabeça
71	JACARATIÁ	<i>Jacaratiá dodecaphyla</i>	hidropsia; feridas	dor de barriga; bronquite; reumatismo
72	JATOBÁ (casca)	<i>Hymenaea courbaril</i>	vermífugo; estomá- quico; cistite aguda ou crônica; tosse; bronquite	bronquite; maleita; tosse
73	JUQUERI	<i>Solanum juceru M.</i>	sífilis; feridas	furúnculos; limpar o corpo
74	JUÁ BRAVO	<i>Zizyphus joazeiro</i>	febres intermitentes	furúnculo
75	LARANJEIRA (folha)	<i>Citrus sinensis</i>	gripes; resfriado; pneumonia; calmante; p/sudorese	gripe; tosse

Nome da Planta mencionada	Nome Científico (2, 3, 12, 13, 13)	Usos mencionados na Literatura (2, 3, 12, 13, 13)	Usos mencionados pelos entrevistados
76 LIMA DE UMBIGO	<i>Citrus limetta</i>	afecções renais; males do estômago; dermatoses	hepatite
77 LIMÃO	<i>Citrus limonum</i>	antisséptico; reumatismo; bronquite; gripe	gripe; para pressão
78 LOSNA (erva dos vermes)	<i>Artemisia absinthium L.</i>	catarros; cólicas; diarreia; envenenamento; perturbações gástricas	cólica estômago; cólica intestinal; vômitos
79 LOURO	<i>Laurus nobilis L.</i>	amenorréia; anúria; dispepsia; reumatismo	estômago; cólica menstrual
80 MALVA	<i>Malva sp</i> <i>Kielmeyera sp</i>	calmante; catarro; enfermidades da garganta e ouvido	enxaqueca; calmante; fígado
81 MAMOEIRO (folha)	<i>Carica papava L.</i>	vermífugo; auxílio digestão	tosse; gripe; estômago
82 MAMONA	<i>Ricinus communis</i>	purgativo; vermífugo	hemorróidas
83 MANDACARU	<i>Cereus hildemannianus</i>	escorbuto	lombriga
84 MANGA (folha)	<i>Maugifera indica</i>	bronquite; verminose; diurético; estimulante produção leite materno	tosse; pneumonia; dor de estômago
85 MARACUJÁ	<i>Passiflora quadrangularis</i>	alcoolismo crônico; convulsão infantil; diarreia; insônia; calmante	calmante
86 MARCELINHA galega	<i>Antemis nobilis L.</i>	dor de estômago	dor de barriga estômago; vômitos; diarreia
87 MILHO DE GRILO	não mencionado	não mencionado	empachamento
88 MOSTARDA	<i>Brassica sp</i>	cataplasma p/ dores	febre
89 NOZ-MOSCADA	<i>Myristica officinale</i>	digestão; estômago; acalmar vômitos; cólicas intestinais	gripe; tosse; dor de estômago
90 PACOVÁ	<i>Renealmia brasiliensis</i>	vermífugo	vermes
91 PAINEIRA (casca)	<i>Bombax ventricosa</i>	queimaduras	ferida

## ARTIGO

	Nome da Planta mencionada	Nome Científico (2, 3, 12, 13, 13)	Usos mencionados na Literatura (2, 3, 12, 13, 13)	Usos mencionados pelos entrevistados
92	PARAFUSO	não mencionado	não mencionado	rim
93	PARATUDO	<i>Gomphrena officinalis</i> M.	estimulante; estomáquico; colítes; antitérmico	para tudo
94	PARIETÁRIA	<i>Parietária officinalis</i>	moléstias de vias urinárias; artrite; afecções catarrais	pedra no rim
95	PARIPAROBA (capeba)	<i>Piper umbellatum</i> <i>Piper sidefolium</i> <i>Piper hilarianum</i> <i>Piper peltatum</i> <i>Piperonia umbellata</i>	resfriados; queimaduras; escorbuto; anti-blenorragia; diurético; furúnculos; antitérmico; moléstias do fígado e baço	fígado; rins; estômago; sangria
96	PARREIRA BRAVA (flor)	<i>Chondodendron tomentosum</i>	antitérmico; emenagogo; diuréticos; contusões; calculose renal	gripe
97	PICÃO	<i>Bidens pilosa</i> L.	hepatite; icterícia; feridas	Hepatite
98	PINDAÍBA (fruta)	<i>Xylopiã brasiliensis</i>	contra flatulência	pontada no coração
99	PITANGA (folha)	<i>Eugenia michelli</i>	calmante; febre	bronquite; tosse
100	POEJO	<i>Mentha pulegium</i> L.	acidez e ardor de estômago; catarro; diarreia; irregularidade menstrual; tosse	calmante; cólica intestinal; bronquite; gripe; tosse; verminose
101	QUEBRA-PEDRA	<i>Phyllanthus niruri</i> L.	diurético; pedras no rim	rim; bexiga
102	QUINA (casca)	<i>Ogcodeia amara</i>	maleita	dor de barriga
103	ROMÃ (casca)	<i>Punica granatum</i> L.	verminose	diarreia; dor de barriga; garganta; verminose
104	ROSA (branca)	<i>Rosa alba</i> L.	antisséptico local; calmante; purgante	cólica intestinal; feridas; laxante
105	RUBIM	<i>Borreira tenella</i>	cordas vocais	contusão; estômago
106	SABUGUEIRO	<i>Sambucus nigra</i>	escarlatina; hemorróidas; reumatismo; rubéola; sarampo	sarampo

Nome da Planta mencionada	Nome Científico (2, 3, 12, 13, 13)	Usos mencionados na Literatura (2, 3, 12, 13, 13)	Usos mencionados pelos entrevistados
107 SALSA PARRILHA	<i>Smilax medica</i> <i>Smilax officinalis</i> <i>Smilax syphilitica</i>	dermatoses; depurativo; diurético; enfermidades venéras	depurativo; furúnculo; sífilis
108 SALTA MARTRIN	não mencionado	não mencionado	maleita
109 SAMAMBAIA-GUAÇU	<i>Apidium filix mas</i> <i>Polypodium filix mas</i> <i>Polypodium instans</i>	vermífugo	depurativo; furúnculo
110 SAPÉ (raiz)	<i>Imperata brasiliensis</i>	pedra nos rins	pedra nos rins
111 SENE DO CAMPO	<i>Cassia cathartica</i>	antifebril; laxante	febre; gripe
112 SERRALHA	<i>Silybum marianum</i>	hemorróidas; ingurgitação útero; uretra	vermífugo
113 SOLIDÔNIA	<i>Boerhavia paniculata</i>	contra-afecções do fígado e vesícula biliar; diurético	hemorróidas
114 TRAPOERABA	<i>Tradescantia diurética</i> <i>zebrina sp.</i>	afecções herpéticas; diurética; acalma comichão; (prurido dos dartros); dores reumáticas	caimbra de sangue
115 UNHA-DE-VACA	<i>Bauhinia aculeata</i> <i>Bauhinia fortifcate</i>	diabetes	diabetes
116 UVA JAPONESA (folha)	não mencionado	não mencionado	pedras no rim
117 XIPRE	não mencionado	não mencionado	vermífugo
118 ZAMUMBA (flor)	<i>Datura stramonium</i>	reumatismo; contusões; contra asma; hipnótico	falta de ar

(\*) Sugestão e orientação de: Goldfarb, E.: O Curandeiro na cidade de Jundiaí. Relatório de Pesquisa, FAPESP, São Paulo, 1983.

## COMENTÁRIOS

O conhecimento e o uso difundido de plantas medicinais observados nesta pesquisa reforçam dados já conhecidos a respeito<sup>8,10,22\*</sup>. O estrato mais afastado dessa prática é o alto, por seu maior acesso à medicina alopática e identificação, na estrutura social, com seus representantes. Acredita-se, entretanto, que o fator econômico talvez não fosse suficiente para determinar o desaparecimento da medicina Cadernos de Saúde Pública, R.J., 2(2):150-166, abr/jun, 1986

\* CONSORTE, J. & VILLAS BOAS, M.H. *Sistemas de saúde paralelos. Comunicação oral. 10ª Jornada Científica da Associação dos Docentes do Campus de Botucatu - UNESP, abr. 1981.*

caseira, já que mesmo os estratos mais altos a ela ainda recorrem.

O meio de obtenção de plantas medicinais confronta o método natural com o industrializado, sendo o primeiro muitas vezes mais utilizado, principalmente no estrato baixo, dada a existência de quintal com terra, na maioria das casas; e a proximidade com áreas de vegetação silvestre.

Já o produto manipulado e comercializado na farmácia representou uma opção que, embora incipiente, traduz o efeito da "medicalização", que não poupou as plantas medicinais e é também incrementada pela propaganda<sup>25</sup>. Pelo método natural compreende-se o modo artesanal de preparo, ligado fortemente à tradição popular. A manipulação não deixa de ser a incorporação desse conhecimento popular por laboratórios, em sua maioria nacionais, que, marginalizados do mercado dos alopáticos pelas multinacionais da indústria farmacêutica, começam a florescer nos grandes centros urbanos<sup>17</sup>. Esta chamada industrialização marginal não possui regras ou sistemas de controle, apresentando, por isso, falhas no que concerne ao modo de colheita, transporte, manipulação e conservação. Estes cuidados e critérios do acervo da cultura popular, até certo ponto, são considerados pela ciência oficial, mas na medida em que não são observados, questiona-se a real eficácia do produto vegetal<sup>10,19,21</sup>.

Na questão da indicação de plantas, a pequena taxa de vegetais sem nome científico correspondente pode ser devida à falha explicitação do nome popular, citação de um nome popular não conhecido, ou mesmo a ocorrência de plantas ainda não classificadas e/ou de efeito terapêutico obscuro. É comum encontrar, na literatura, várias denominações populares para uma mesma planta<sup>3,15,22</sup>. Por outro lado, houve alto índice de indicação coincidente com a literatura, denotando considerável difusão de seu conhecimento.

Frente à reafirmação do uso difundido de plantas medicinais neste trabalho, à pouca noção do sistema oficial a respeito deles e à escassez de investigações científicas correlatas, recomenda-se que conhecimentos populares sejam transmitidos na Universidade, como já têm ocorrido esporadicamente<sup>17</sup> e, ainda, que haja incentivo e apoio às pesquisas nesse campo, pelos órgãos e agências financiadoras competentes.

## AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem a orientação e supervisão de Cecília Magaldi, Professora Titular do Departamento de Medicina

Legal e Medicina em Saúde Pública da Faculdade de Medicina de Botucatu – UNESP.

*The knowledge and the use of medicinal plants (MP) were investigated in 372 people interviewed in the Bauru (São Paulo) area in 1981. The majority of the people was from a low social status.*

*More than 95% of the people interviewed know MP, with a high use of 2 to 4 varieties. Only 10,8% did not use these plants. The MP are obtained at the house yard (first choice) or at the pharmacy (second choice). Almost 118 different MP were cited. From these only 9,3% did not have a correspondent scientific name and 17% did not have pharmacological properties described in the medical literature. Almost 70% of our observations are in accordance with the literature considering at least one symptom or one disease.*

*The authors also discuss the reasons of the increment of domestic medicine, and some aspects of the industrial production and trade of drugs made of medicinal plants. They emphasize the necessity of pharmacological research in order to provide knowledge on the therapeutic use of the brazilian medicinal flora.*

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. AKERELE, O. Um rumo para a medicina tradicional. *Saúde Mundo*, 1983: 3.
2. BALBACK, A. *A flora nacional na medicina doméstica*. São Paulo, Edificação do Lar, 1974. v. 2, p. 869.
3. BALBACK, A. *A flora nacional na medicina doméstica*. 17 ed. São Paulo, Edificação do Lar, 1974. p. 919.
4. BRASIL. Central de Medicamentos. Coordenadoria de Pesquisa. *Relatório da Comissão de Seleção de Plantas*. Brasília, 1983. p. 30, mimeo.
5. CALDER, R. *O homem e a medicina*. Mil anos de trevas. São Paulo, Hemus, 1976. p. 22.
6. CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SOBRE CUIDADOS PRIMÁRIOS DE SAÚDE. Alma-Ata, URSS, set. 1978. *Cuidados primários de saúde*; relatório. Alma-Ata, OMS, 1979. p. 64.
7. CONFERÊNCIA NACIONAL DE SAÚDE, 5<sup>o</sup>. Brasília, 1975. *Anais*. Brasília, Ministério da Saúde, 1975. p. 3.

8. CUNHA, N.F. & SABÓIA, S.M.N. Ervas, uma terapêutica no campo da enfermagem. *R. bras. Enferm.* 34: 269, 1981.
9. EPM pesquisa as plantas medicinais. *Folha de São Paulo*, 22 jan. 1983. p. 20.
10. FERRARI, B. A redescoberta das plantas medicinais. *R. bras. Clin. Terap.*, 13: 309, 1984.
11. FOSSAT, A.G. *A cura pelas plantas*. 4 ed. Rio de Janeiro, Eco, s.d. p. 159.
12. FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Sinopse preliminar do curso demográfico: Brasil; 9º recenseamento geral do Brasil 1980*. Rio de Janeiro, 1981. v. 1, t. 1, nº 18.
13. FUNDAÇÃO INSTITUTO OSWALDO CRUZ. *Política de investigação em saúde no Brasil*. Relatório. Rio de Janeiro, 1981. p. 72, mimeo.
14. GEMTCHÚJNICOV, I.D. *Manual de taxonomia vegetal*. São Paulo, Ed. Agronômica CERES, 1976. p. 368.
15. LAINETTI, R. & BRITO, N.R.S. *A cura pelas ervas e plantas medicinais brasileiras*. Rio de Janeiro, Tecnoprint, 1979. p. 169.
16. MARCONDES, E. et alii. Estudo antropométrico de crianças brasileiras de zero a doze anos de idade. *An. Nestlé*, 84: 47, 1968. (número extraordinário).
17. MEDICINA popular resgata seu prestígio. *Folha de São Paulo*, 11 nov. 1984 p. 27.
18. MOREIRA, M.F. O CNPq e o programa de pesquisas em produtos naturais. *Ci. e Cult.*, 32 (supl.): 217, 1978.
19. MORS, W. Plantas medicinais. *Ci. Hoje*, 3: 14, 1978.
20. DE LA PÊNHA, G.M. A FINEP e o programa de pesquisas em produtos naturais. *Ci. e Cult.*, 32 (supl.): 217-20, 1978.
21. PLANTA medicinal, um comércio sob suspeita. *Folha de São Paulo*, 22 maio 1983. p. 26.
22. RAVAGNANI, O.M. *Medicina popular no estado de São Paulo*. Araraquara, 1981. [Dissertação de mestrado – Instituto de Letras, Ciências Sociais e Educação – UNESP].
23. SIMPÓSIO DE PLANTAS MEDICINAIS DO BRASIL, 5º. São Paulo, 1978. *Ci. e Cult.*, 32 (supl.) 1978.
24. SIMPÓSIO DE PLANTAS MEDICINAIS DO BRASIL, 6º. Fortaleza, 1980. *Ci. e Cult.*, 33 (supl.), 1980.
25. TEMPORÃO, J.C. & RAMOS, C.L. A propaganda de medicamentos e o mito da saúde. *Saúde em Debate* (11): 33, 1981. Cadernos de Saúde Pública, R.J., 2(2):150-166, abr/jun, 1986